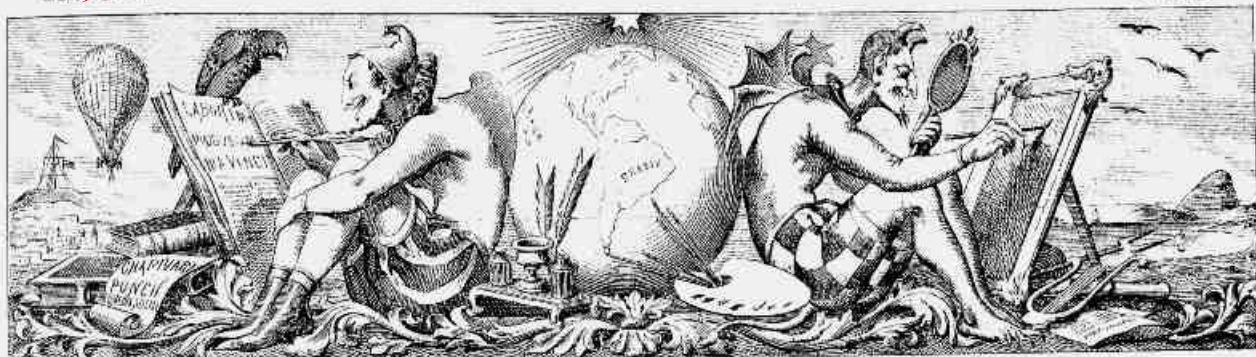


A COMEDIA SOCIAL

Anno 2

HEBDOMADARIO POPULAR SATIRICO

Nº 76



Advertencia

Seu... se a quem quiser... *Comedia Social*, os artigos de... *Comedia Social*, os artigos de... *Comedia Social*, os artigos de...

Preço das Assignaturas

CORTE E... *Comedia Social*, os artigos de... *Comedia Social*, os artigos de... *Comedia Social*, os artigos de...

Programma

A *Comedia Social* tem por fim... *Comedia Social*, os artigos de... *Comedia Social*, os artigos de... *Comedia Social*, os artigos de...



Jantar politico.

Morão (frente a Reforma) : - Propunho transacção aos dissidentes, o MINISTÉRIO SUICIDOU-SE... *Comedia Social*, os artigos de... *Comedia Social*, os artigos de...

ACOMEDIA SOCIAL

110 DE JANEIRO, 13 DE JUNHO DE 1871.

Uma vocação mallograda.

XVI.

Apenas Vicente Pereira acabou a sua leitura, dando um passo para os estudantes, perguntou-lhes:

— Como acham V. Mees, os meus escriptos?

— Oh, excellentes! Não intentas publicá-los?

— Sem duvida. Sem embargo, eu de-sejaria saber de ante-mão o juizo da imprensa a meu respeito.

— Ah, ah, ah! Pois a imprensa tem juizo, Vicente?

— Não me desagradaria obter alguns elogios pelos dias d'esta corte.

— Nada mais fácil. Não tens mais do que escrever um extenso artigo em teu louvor, assigna-o com um nome qualquer e mandar publicá-lo a duzentos réis a linha.

— E se descobrirem que sou eu o autor do meu proprio panegyrico?

— Ninguém se occupa com a indagação d'estas cousas. Todos vivem preoccupados com os seus proprios negocios. Demais por este meio se tem formado a reputação de muito litterato.

— D'este modo ao eu querer ser recommendado ao publico, tenho de gastar dinheiro?

— Ninguém mette preço sem estopa. Podes relacionar-te com alguns d'esses jovens talentos que nas confeitarias, nas lojas de chumbo e nas casas onde vão á noite tomar chá, servem de trombeta á fama, e dictam as leis da verdade, do bem e do bello. Essa gente frequenta pasteurias, mas não paga os doces e os pasteis que comem; não falta ás corridas de cavallos, e muitas vezes, sem ter meio algum de vida, é encontrado alla noite nos hotéis mais caros, tanto no centro da cidade, como em Botafogo.

— E que lucro eu em dar-me com essas pessoas?

— A' vezes tu me fazes duvidar da tua perspicacia. Torna-te amigo d'esses sujeitos. Paga-lhes de vez em quando um copo de cerveja e uma fasia de presunho com pão. Empresta-lhes uma vez por outra uns dez tostões ou dois mil réis. Escuta pacientemente as suas produções, quando vierem ler-te o que houverem respigado no campo da litteratura. Recebes alguns elogios diante de individuos que relatam depois as tuas palavras, e veras como são bem aceites os teus escriptos, e como a tua fama irá crescendo.

— Não faltava mais nada. Além do trabalho de escrever, ainda em cima eu havia de encher a barriga d'esses parasitas!

— E não é só isso. Para seres admittido no seu graminho teras de andar casquilho e luxado. São exigentes n'esse ponto. Podem estar famintos, mas apresentarão sempre uma superioridade brilhante. São como certos artefactos de aspecto luzente, que, parecendo de ouro, não passam de latões envernizados.

— A cousa não ha de ser tão difficil como se diz. Hoje mesmo vou dar passos para a publicação dos meus escriptos, e em breve ouvir-se-ha fallar de mim.

— Tanto melhor. Os teus collegas aquideiros te apontarão com desvanecimento e orgulho, e talvez ainda recebas um barril e uma abbadia de hora.

(Continúa.)

OS AGUSTOS E DIGNISSIMOS

Cadeia Velha.

5 DE JUNHO.

Entrou em discussão o manô do Sr. Sapateira da Montanha.

O Sr. Sapateira da Montanha: — Senhores, meu manô é pessoa muito superior; é escravo. Os escravos são sempre pessoas superiores. O manô não faz justiça a meu manô.

O Sr. Benjamim: — Então ouso o nobre deputado accusar as amplivagas regalias do espaço por causa de um mesquinho ir-mão? V. Ex. está apaixonado.

O Sr. Candido da Rocha: — Apoiadíssimo.

O Sr. Sapateira da Montanha (para o Sr. Rocha): — E' o que faltava! Não basta que o nobre deputado apoie a quem injustamente me interrompe, tome V. Ex. parte na discussão e eu o arranjarrei.

Sr. presidente, V. Ex. deve se recordar de tempos em que o partido conservador foi cruelmente privado do pão-de-ló; sua comida predilecta (Apoiados). Quem era que então combatia mais furiosamente para rehavê-lo? Quem era, repito, Sr. presidente, que pintava o diabo em prô do partido conservador durante aquella quadra calamitosa?

O Sr. Benjamim: — V. Ex. está apaixonado.

O Sr. Sapateira da Montanha: — Apaixonado é o nobre deputado que se esquece de que foi filhote da minha familia.

O Sr. Benjamim dá um aparte.

O Sr. Passaenger: — Advirto ao nobre deputado que quando um collega está patentecendo as suas emoções com expressões eloquentes, não é licito incommodá-lo com atrapalhados, reclamações e interrupções.

O Sr. Sapateira da Montanha: — Apaixonado ainda é o nobre deputado que, despedido pela sova que levou de mim na questão Benevidis, está mangando comigo agora, talvez com o fim principal de magoar-me.

(Cade e panho.)

dia 6.

Entrou em discussão o projecto para o prolongamento das estradas de ferro com as emendas do senado.

O Sr. A. Praxinos diz que o projecto votado do senado está mutilado. O que convém fazer neste caso? Está claro; mutilá-lo mais e devolvê-lo para o senado. Só assim é possível desaffrontar-se a dignidade ultrajada da Cadeia Velha.

dia 7.

O Sr. Belizario reconhece que o projecto relativo ás estradas de ferro voltou do senado inteiramente desfigurado por emendas; a julgar, porém, pelo ranno que a questão vai tomando convém que os amigos do projecto o aceitem no estado mutilado em que se acha, a fim de salvá-lo do aniquilamento total.

O Sr. A. Fluctua não gosta de estradas de ferro, como já expoz no anno passado, e demais o empurrimo de Londres é uma vergonha cuja responsabilidade a camera não deve assumir. Deixar-se ao governo a tarefa odiosa de gastar esse dinheiro.

O Sr. Joãozinho do Imperio: — Sajeitamos a esse martyrio. (Apoiados dos deputados ministeriaes).

dia 8.

O Sr. Ministerio da Agricultura repelle a allegação de ter o governo consentido, por ser constrangido, as emendas apresentadas ao senado ao projecto relativo ás estradas de ferro. O governo é incapaz de ser constrangido. Aceitou as emendas por condescendencia e por não ter vistas fixas sobre a questão.

O Sr. Peanha da Silva acha que o governo procedeu muito mal, mas não se pode esperar coisa melhor do governo, enquanto continuarem a ser despresadas as habilitações do orador para uma pasta.

Entrou em 2ª discussão o orçamento na parte relativa á despesa do ministério do Imperio.

O Sr. Magalhães Taques acha insipido o relatório do Sr. ministro do Imperio. Em geral o Sr. ministro não mostra ter idéas fixas sobre os negocios de sua repartição. Quanto as tem, em lugar de procurar levá-las a effeito, contenta-se com provocar a iniciativa da camera. Iniciativa parlamentar!... que irrisão!... Ora, senhores, para que formular projectos e apresentá-los se nemhum pode passar se não vem do alto? Tão desacreditada é a iniciativa parlamentar que muitos entendem que a apresentação de um projecto revela da parte de seu autor uma certa presumpção de querer saber mais do que o governo, de querer fazer mais do que elle; e os Srs. ministros são muito ciosos a este respeito; nunca se satisfazem de gloria!

dia 10.

Entrou em discussão a famosa proposta das ventas livres.

O Sr. Ferreira Vianna aproveitou a occasião para dar mais um golpe no defuncto governo pessoal de Napoleão III.

O Sr. Passaenger no Conselho disse que, sendo os fazendeiros interessados na solução da questão, não têm direito de serem ouvidos na discussão.

O Sr. Eusebio de Somo action que o ventre livre era a ultima phase do governo pessoal.

O Sr. Gavião Molhado explicou á camera que não é tanto por amizade ao ventre livre ou ao Sr. presidente do conselho como por inimizade ao defuncto gabinete de 16 de Julho que o orador se acha tão loucamente apaixonado pela proposta do governo.

RECADOS DOS AMIGOS

Epigramma do Sr. Paulino.

Que o Pinto escrevesse a cousa,
Era absurdo querer.
Um pinto meli não tem penas;
Com que havia de escrever?...
...

O Parecer da = Ad-hoc.

Ade que emfim a commissão ad hoc deu a luz o parecer sobre o projecto do ventre livre do governo.

Foi longo e laborioso o parto da Exma., e dizem alguns pragmatistas que o recém-nascido não sahio viável.

Sobre a mão da criança não ha duvida alguma: é a Exma. que a deu á luz; as-severam porém que o pai é incognito.

E ainda bem que o pai se conserva incognito; porque, se é, como propalam, estrangeiro, a pobre criança pertenceria, conforma ás convenções consulares, á nacionalidade do pai; e portanto o ventre

lure do governo ficaria em uma espécie de equilíbrio, e ameaçado de transtornos e complicações que dariam muito que fazer.

Em honra da verdade cumpre dizer que as menções da comissão ad hoc já declararam sob juramento d'alma que a comissão tinha sido pai e mãe da criança, defendendo a sua gloria de hermoproditismo parlamentar.

O parecer da comissão ad hoc sahio monstro por excesso de cabeça: tem um parágrafo magnifico e tão interessante e indispensavel que aquelle que não o lê fica profundamente sabedor de tudo quanto elle contém. E' d'isso que consta a cabeça do parecer.

Como pôtem deixaria o parecer de sair tão cabeçudo, sendo, como é, o fruto de cinco cabeças em longo trabalho de poly-maternidade?...

Ha tanto ali mistureio com sciencia, industria e arte: ha o livro mestre da experiencia com o rei Pedro II, e os supplicios de Tácito com meia dúzia de papas e o calcenico de Actíus ao p' de Augusto, interrogando Vano e outros lembantis no novo methodo, além do algar jacta est no meio do circulo de Papilio e por baixo da pendula batendo os segundos das duas horas ao dia da sympathia platónica.

Realmente era bem dispendioso o parecer o proeminio do sentimentalismo, e a eloquencia monástica. A maioria do governo já está entenebrecida, e os dissidentes não se entemecem, porque estão com as costas quentes.

Uma coisa sei eu, e juro que é verdade: é a seguinte: — a questão dos ventres livres fez duplicar ou triplicar o elemento servil. Ha servilismo em cima, em baixo e por todos os lados.

Entretanto o parecer enormemente cahendo, e filho de pai incognito ou não, corrige com acerto alguns dos gravissimos inconvenientes do projecto do governo, embora contendo ainda notaveis defeitos, que, se houvesse geral boa vontade, seriam facilmente destruidos.

Talleyrand a dar sorvetes.

O Sr. Visconde do Rio Branco, chefe, alama, cabeça, peito e coração, corpo, braços e pernas, mãos e pés do gabinete, deu em uma noite da semana passada sorvetes e canudos a quantos augustos e dignissimos vitalicos e temporarios da grei conservadora quizeram acedir ao seu chamado.

Falou muita gente por causa da genda. Ordem do dia (ou da noite): — ventre livre, comendo-se canudos.

Historia de apagar ardores com applicação do gelo.

E o padrinho, o Sr. Cotegipe, a olhar por um canudo para o Sr. Rio Branco.

Resultado da noite: — nomeação de uma comissão para reatar os laços fraternales do partido conservador, chamando os dissidentes a um accordo na questão do elemento servil ou da emancipação.

Que dari de si a sorveteira?...

O parecer da comissão ad hoc fica pois sendo como antes da carne?

Se o gabinete pensava em accordo com os dissidentes, porque não deu sorvetes e canudos antes de haver a Exam. dando a luz a criança?...

Reduzir a coxas uma criatura tão bonita e que custou tanto a nascer!...

Ou a comissão que sahio da sorveteira é arrojado de pescaria parlamentar?

Ah! Sr. do Rio Branco!... o Sr. de Cotegipe não mette isca em anzol senão pescando para si.

Ou os sorvetes e canudos e a comissão dos canudos não eram mais do que um novo expediente para ir matando o tempo e deixando todos de boca aberta, enquanto não chega... o anno de 1872?...

Ah! Sr. de Cotegipe! o Sr. do Rio Branco guarda em si um segadinho que ainda não lhe coadun, nem confia.

Qual dos dois enganará o outro?...

Escolha de morte.

Em uma das ultimas conferencias de ministros o Sr. Sayão Lobato, que é naturalmente sepulchral, propoz que por prevenção se decidisse de que modo devia morrer o gabinete na hypothese de crise fatal.

Entrou em discussão o negocio.

O Sr. Jaguaribe da guerra: — Deve morrer aos tocos de taticos electoraes.

O Sr. Alfredo do império: — Pêso, adiantamento ao que eu possa ouvir o parecer do Sr. Visconde de Camaragibe.

O Sr. Theodoro da agricultura: — Deve morrer um momento antes da minha passagem para o arrabal vencedor.

O Sr. Duarte da marinha: — Deve morrer e nas ancias ternas de ineffavel gozo.

O Sr. Sayão da justiça: — Deve morrer rebentando de raiva com o estampido de uma roqueira?...

O Sr. Correa dos estrangeiros: — Deve morrer naufragando na — Praia da Gloria.

O Sr. Visconde do Rio Branco, chefe do gabinete: — Não deve morrer de modo nenhum ad que...

Vozes: — Não!... não!... resolva, admitindo a hypothese fatal!...

O Sr. Visconde do Rio Branco: — Pois então que morramos, dançando a polito-mita!...

Actualidades.

Notase a is camada e na imprensa uma disposição para fazer pouco caso do Sr. João Alfredo, isto não tem razão de ser, porque, como bem diz o Diário de Noticias, o jovem ministro do império tem « infinitos civilisadores » capazes de deitar abaixo o theatro do campo de Sant'Anna.

Le-se n um A pedido do Journal do Commercio:

« O unico, exemplo notavel em contrario, o dos Estados-Unidos, é um facto que confrange o coração a quem o tem sensivel: provento da organização de uma vasta industria, e de crime e de vender escravos: montaram-se estabelecimentos cuja produção era de crioulos, como em outros de novilhas, de porcos e de porcos. Eram excellentemente tratados, para que a filanda não perdesse de valor, os que vingavam eram vendidos, como gado: se alguns fugiam, batia-se o matro com cães ferozes e a morte especulativa. »

As casas para a venda de escravos, nos Estados-Unidos, nunca se encarragavam de crioulos. Os unicos estabelecimentos de criação eram os proprios fazendas, onde, cumpre confessar, o numero dos escravos augmentava rapidamente. Mas o articulista tem razão: confrange, com effeito, o coração sensivel o facto mencionado. O mesmo modo de fazer augmentar uma população é prover a seu bem-estar material e moral. Fazer isto é o crime de que eram culpados os fazendeiros dos Estados-Unidos. Sejam, portanto, condemnados á ignominia eterna, porque o coração sensivel quer antes a morte de mil escravos em

nome da philantropia do que o nascimento de um mil interesse do seu proprietario.

O QUE VAI POR AHI

Bem diversas, e porventura bem profundas, foram as commoções que nos trouxeram estes ultimos dez ou quinze dias!

O sanguinolento desentelo da insurreição parisiense; a nunca assaz chorada morte do nosso illustre amigo Dr. Mathieu de Andrade; o brilhante reagorquão do distincto litterato Francisco Octaviano no mundo das letras; a extraordinaria concunção do artista emilenos nos nossos theatros; a effluencia em que taes factos, e muitos outros de quasi tão sabida importancia, tem collocado o espirito publico, tudo isto é o presente que nos deu a tal seccion ultima quizeito, de singular memoria.

Temos melhor do assumpto, que ha muito não temos tão variado, nem tão proprio para excitar sentimentos mais oppostos e profundos.

A insurreição parisiense não foi somente, como o pensam os homens demasiadamente circumspectos, a expressão de um absterio laral professado por mena deza de loucos, frindos na ignorancia ou na maldade dos proletarios; foi a primeira scena de um immenso drama social, cujo enredo originouse do injusto desequilibrio das classes e das honas, e de cujo desfecho dependa o futuro dos povos.

Não pretendemos sustentar o materialismo, e muito menos o positivismo dos modernos socialistas; mas cremos que sob o rabi envolvimento da abominavel insurreição da communha existe uma nova concepção do universo e da sociedade, que tende a substituir a actual concepção do mundo, e por conseguinte das deves do homem, logo que esta tenha recebido a ultima de suas formas.

Ainda uma vez não somos communista: mas acostumados, a ver lançar-se o estyga da maldição ás mais sublimas ideas, ao christianismo, por exemplo, quando em Roma o perseguiam, admitimos que o socialismo seja doutrina menos satânica do que o fazem crer as fanáticas que a desacreditam, dando ao mundo e espectaculo da mais desenfreada intolerancia.

Condenando por todas as violências que elle tenham por fim sustentarem o despotismo ou a liberdade, garantem o direito ou realizarem experiencias politicas, presentes a outro assumpto, a assumpto porventura mais nosso, a tribu e irreparavel perda do nosso illustre compatriota o Dr. Mathieu de Andrade.

Não podemos não caber nos limites da ligeira critica de um jornal faceto, a expressão literal da immensa dor que nos rompe o coração e estarda a alma, quando nos lembramos do distincto operario que perdeu a classe, medica, do homem bom e virtuoso, que perdeu a sociedade, do bom pai que perdeu a desdoadra familia, do excellent amigo que perdeu, não que o conhecemos nos bancos da escola de medicina de Paris, aonde foi sempre estudante distincto, na vida de medico, aonde foi sempre caridoso e sabio, e finalmente nos sublimes regios do amizade, aonde sabia conservar-se com a calma de um adolescente.

Mas bem dizíamos que muito diversas são as recordações que nos deixaram os successos occorridos nestes ultimos dez dias!

Com effeito, no passo que os dolorosos acontecimentos que acabamos de recordar nos impressionam tão tristemente, a reagorquão do distincto litterato Francisco Octaviano do Almeida Rosa na arena litteraria, bem como a causa de tão precioso rehabilitação na república do pensamento a virada de Rossi ao Rio de Janeiro — são penheas indissociaveis para o nosso progresso litterario, e por isso merecem uma especial menção.

A litteratura nacional já foi representada por uma pleiade importantissima, de Magalhães e Porto-Alegre, e depois Gonçalves Dias, Macedo e outros muitos formaram o nucleo principal; hoje as tendencias litterarias são mais gerais na moedade, as aptidões artisticas mais caracterisadas, mais vasto o horizonte do musico e do pintor; mas a litteratura e a arte carecem de chefes, de um nucleo de honnos unidos pelos vinculos naturaes do talento e pela estima reciproca, para desenharem e colorearem com precisão e vulto, ainda vago, da escola brasileira.

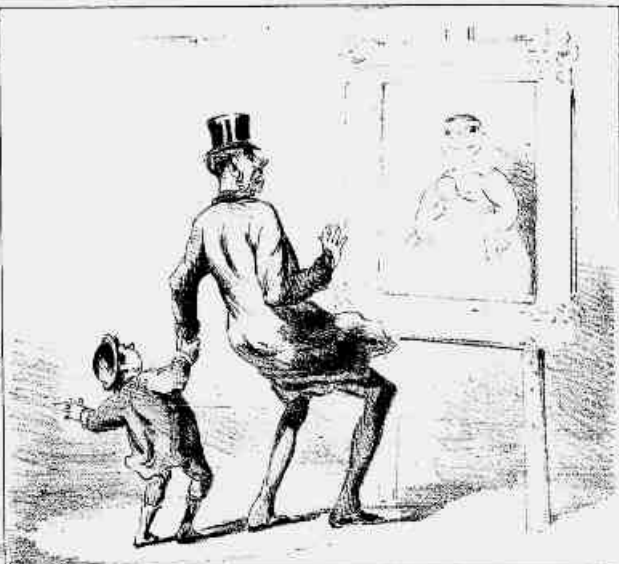
Assim que não lastimamos, a exemplo de alguns pessimistas, a raridade do genio, a escassez de obras capizes da litteratura, a supposta falta de illustração da nossa moedade, e a muito real corrupção do mundo politico, como indices de decadencia intellectual no Brazil, porque a nação que tem a honra de contar em seu seio dramaturgos moços como Achilles Vazquez e Franca Junior, poetas como Salvador de Mendonça, Bittencourt Sampaio, Aristides L. do B. Lado, e outros, Luiz Guimarães, e tantos outros; musicos como Meira e Carlos Gomes, archileiros como Ferno Cardoso e Bethencourt da Silva, pintores como Pedro Américo e Victor Meirelles, tribunos como Bocayiva, e finalmente tantos genios diversos na critica, na sciencia e nas letras, a nação, dizemos, que conta em seu seio tão avultado numero de fidalgos distinctos e brilhantes, não decaiu, e, pelo contrario, parece estar prestes a caracterisar-se com honra entre as nações mais cultas do globo.

Que se propaga a mérito, anime-se o talento, quasi sempre desvalido e orphão, que os moços generosos e entusiasmados que prepararam os ovacoes ao distincto Carlos Gomes se lembrem de outros tantos brasileiros igualmente distinctos e porventura mais carecidos dos favores da opinião: que o illustre Magalhães e o grande Porto-Alegre não abandonem a arena da poesia nacional, aonde colhem renome e gloria; e então teremos em breve o espectaculo magestoso de um povo que caminha para a gloria pela estrada real do talento, da illustração e da virtude.

Di caciue
Thiviotia.



— Olha, eu não te disse que isto não é o retrato do Duque?
 — K, não, menina, é que foi pintado segundo os boatos da Jéforne.



— Oh diabo, que olhos arregalados!
 — Vámos-nos embora, Papai, o sapo é capaz de falar em cima de nós.



— Não te enoias tu? Que diabo queres isto dizer?
 Ah, já sei: quer dizer que quem se aborrece da existência: tristes-za, e está tudo acabado.



— Ora vai-te embora, com de macaco!....
 — Prima, quanto mais tu te afastares do macaco, tanto mais foges do meu ideal.



— Até que afinal achou o celebre Rochefort um momento para reflectir maduramente sobre as glórias deste mundo.



— Então como achas esses sujeitos que dizem que eu tenho o diabo na cabeça, só porque sou communista?
 — Digo que são muito benevolentes, porque ainda pensam que tu tens cabeça.